

# A despedida de Brasília

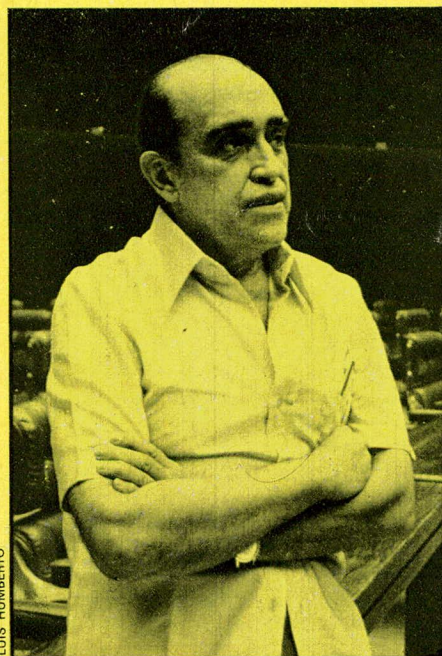
NIEMEYER NÃO DÁ ENTREVISTAS. MAS CONTOU  
A VEJA SEUS PLANOS, AGORA  
QUE ESTÁ DEFINITIVAMENTE LONGE DE BRASÍLIA

Por Luís Gutemberg

Mão firme, letra corrida, ligeiramente inclinada, Oscar Niemeyer escreveu e reescreveu várias vezes a declaração de despedida. Pediu palpites aos amigos que enchiam a pequena casa geminada da avenida W-3, um sobrado de três quartos no setor de habitação individual-sul, onde passou seus últimos dias em Brasília. Sua mansão, nos arredores da cidade, está alugada desde o ano passado à embaixada da Dinamarca. "Li que Hemingway levava um dia inteiro para escrever três ou quatro páginas. Não é nada demais que eu leve uma noite para escrever uma página." O texto, afinal, foi entregue à imprensa, substituindo uma entrevista que os repórteres exigiam mas Niemeyer recusava-se a dar. Tantas vezes reescrito, entretanto, desde a primeira versão, estava ali a frase essencial: "Brasília não me pertence e por isso mesmo dela me alheio, levando, realista, minha colaboração aos que, de longe, a desejam e solicitam". Nenhuma palavra de irritação ou despeito.

Talvez a homenagem que recebera no Congresso dias antes tivesse compensado uma série de pequenos aborrecimentos provocados pela aparente intenção dos administradores da cidade de neutralizar o que restava da influência de Niemeyer no futuro de Brasília. Ainda da véspera de sua chegada, o governador Hélio Prates da Silveira havia reunido os jornalistas para apresentar a maquete do novo estádio de futebol da capital, que, para surpresa de todos, era muito diferente do projeto original de Oscar Niemeyer.

Na sua nota à imprensa, Niemeyer escreveu claramente: "... Brasília pertence a Lúcio Costa, que tão bem a criou..." Mas é fora de dúvida que arquiteto e urbanista estiveram sempre



LUÍS HUMBERTO

**Niemeyer: o importante foi construído**

identificados nos conceitos fundamentais da cidade que ajudaram a construir. Deveria ser basicamente uma cidade administrativa. Mas está sendo paulatinamente transformada num pólo de desenvolvimento para a região centro oeste, com seus administradores lembrando sempre dificuldades e problemas que não poderiam ser previstos na época de sua construção. Esse argumento foi usado recentemente pelo governador do Distrito Federal — "Brasília conta hoje com 619 000 habitantes, índice que, segundo as previsões, só seria atingido no ano 2 050".

Porque a cidade cresceu, ou porque

deixaram que ela crescesse desordenadamente, a zona comercial provisória passou a ser a definitiva e a que constava dos planos, esquecida. Alguns acampamentos de trabalhadores que deveriam desaparecer, absorvidos pela cidade, institucionalizaram-se como cidades-satélites. O paisagismo sofreu uma série de modificações, aparentemente sem grande importância mas, mesmo assim, contrariavam frontalmente a concepção original.

## O aeroporto, a última má notícia.

Ao se despedir de Brasília, no entanto, Niemeyer parecia de excelente humor. Recebeu um mestre-de-obra, pioneiro da Novacap, e lembraram juntos os tempos passados. Foi visitado pelo arquiteto Sérgio Bernardes, acusado por alguns de fazer uma ofensiva promocional junto ao governo do DF tentando conseguir o lugar de Niemeyer e que veio declarar-se um admirador sincero. Nada tirou a Niemeyer o riso e a disposição para a conversa, o bate-papo. No dia seguinte tomava um jato no luxuoso aeroporto de Brasília — que arquitetos definem como "apenas modernoso" — e embarcava para o Rio. Antes de seguir para Paris, ainda receberia uma notícia desagradável. A ação popular que Niemeyer e outros seis arquitetos haviam proposto contra a construção desse aeroporto funcional e modernoso, por achar que ele violentava a estética da cidade, fora julgada improcedente. E o juiz, numa sentença que fatalmente cairá no Tribunal Federal de Recursos, ainda o condenava a pagar como custas 10%





Formas surpreendentes no Palácio dos Arcos ...

... e o aeroporto, apenas moderno e luxuoso

do valor total da obra, calculada em torno de 8 milhões de cruzeiros. Ao deixar Brasília, Niemeyer recebia assim uma "multa" de 800 000 cruzeiros. Mas, irredutível, negava-se a criticar quem quer que fosse, falando com entusiasmo dos seus planos de hoje. Recusa-se sistematicamente a discutir "o que passou". E sistematicamente fala das suas idéias e do seu trabalho usando um **nós** quase impessoal, evitando a primeira pessoa do singular — "o artista, o arquiteto, quando é mais inteligente ou sensível, preocupa-se com outros problemas que não os seus. Para mim, é a vida que conta, o ser humano tão ofendido".

## "Não gosto de discutir arquitetura"

**VEJA** — Sua arquitetura monumental e suas formas surpreendentes têm críticos radicais e admiradores irrestritos, mas quase todos reclamam uma definição de intenções. O que procura a sua arquitetura?

**NIEMEYER** — Nossa arquitetura tem como objetivo a beleza plástica, a surpresa arquitetural, o vão maior. Procura a forma livre, a curva sensual que o concreto armado sugere.

**VEJA** — Mas todos usam o concreto armado. Onde a diferença?

**NIEMEYER** — Recusamos as soluções mais robustas que não exprimem o concreto armado, que nele não especulam, que não o utilizam em todas as suas possibilidades, engrossando colunas e vigas, sugerindo sistemas superados. E por maiores razões, recusamos a arquitetura retilínea, fria, repetida, formalística por excelência.

**VEJA** — Seria por essas razões que seus projetos costumam representar desafios para os calculistas de concreto?

**NIEMEYER** — Com nossas formas mais livres, com nossos balanços mais arrojados, obrigamos o calculista a pesquisar, dando ao seu trabalho um sentido mais alto, de criação estrutural.

**VEJA** — O que há de verdade sobre os seus últimos projetos, que muitos calculistas europeus vêm considerando inviáveis?

**NIEMEYER** — Na Argélia, um escritório de supervisão técnica considerou impossíveis os vãos de 50 metros e balanços de 25 metros fixados no bloco de classes da universidade de Constantine. Na Itália recusaram-se a realizar arcos maiores de 8 metros no edifício da Editora Mondadori. No entanto, um engenheiro brasileiro, Bruno Contarini, resolveu todos esses problemas e os balanços, vãos e arcos foram construídos de acordo com nossos projetos. De fato, habituados a uma arquitetura de pequenos vãos, os engenheiros europeus vacilam diante das nossas estruturas, que para os calculistas brasileiros não apresentam mais problemas nem surpresas.

**VEJA** — Sua obra de arquiteto tem provocado discussões, especialmente na Europa, onde centraliza seu trabalho atualmente. Tem participado de muitas discussões?

**NIEMEYER** — Não gosto de discutir arquitetura. Prefiro, quando necessário, explicar meus projetos. Sei como é difícil elaborá-los. Muitos, por timidez ou deficiência, adotam determinada corrente, para depois defendê-la como se fosse a melhor e não a única que podem adotar. Lembro Le Corbusier a dizer-me, mostrando a marquise do Congresso de Chandigarh: "Pode ser barroca, mas poucos poderiam desenhá-la". Por tudo isso desprezo a crítica. O que conta é a obra projetada e, mais ainda, a obra projetada, construída e aceita como boa arquitetura. Nesse caso, permito-me citar a sede do Partido Comunista Francês,

em Paris, um dos meus últimos e melhores projetos, classificado no último número da "Architectural Review" como "provavelmente um dos melhores prédios de Paris". E isso, estou certo, se repetirá no próximo ano na Itália quando terminada a sede da Editora Mondadori. Não é apenas minha arquitetura que se afirma, mas a arquitetura brasileira, o que é fundamental.

**VEJA** — Além desses, quais são seus outros trabalhos atuais?

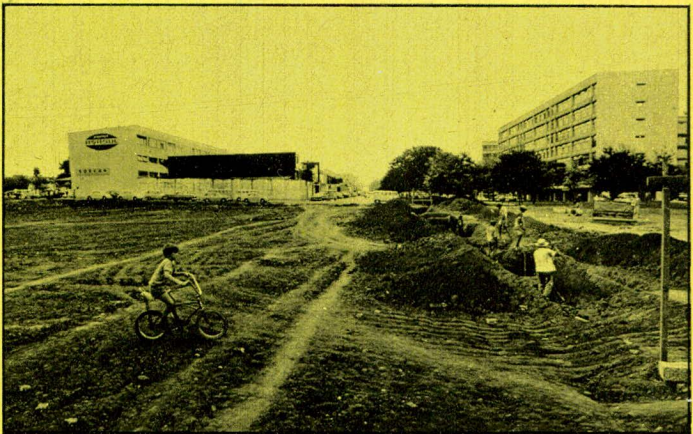
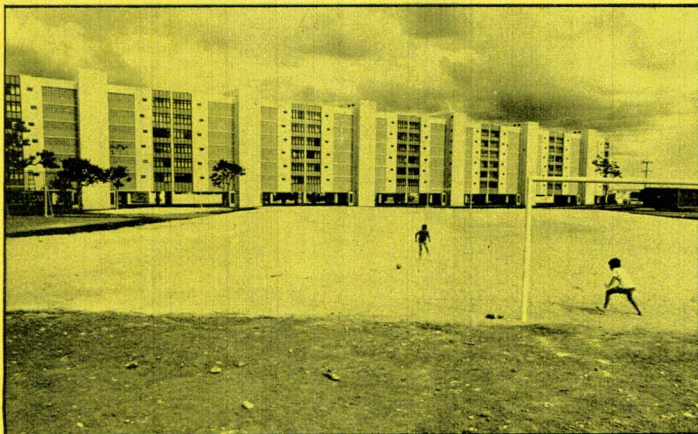
**NIEMEYER** — Acabei recentemente a sede dos sindicatos de Paris. Estou projetando um teatro, em frente ao mar, no Havre. Há também uma urbanização em Ville Juif, e agora, pelo telefone, me convocam para projetar um grande prédio em Paris, uma torre. Não tenho problema de trabalho, o que me permite desprezar muita coisa. Meu último trabalho foi para uma ilha no sul dos Estados Unidos. É um projeto ambicioso. Fui convidado para esse trabalho por um milionário americano, que vai contar na sua equipe com homens de negócios, um ex-ministro de John Kennedy e um filho do ex-presidente Dwight Eisenhower.

## Na ONU, uma frase sobre a China

**VEJA** — O "New York Times" deu razoável destaque à sua recente visita à ONU. É verdade que ainda não tinha visitado o prédio depois de pronto?

**NIEMEYER** — Sim. Em fevereiro último fui a Nova York e levaram-me a conhecer a ONU. Tendo que dizer qualquer coisa aos jornalistas, declarei com naturalidade: "Como um dos arquitetos deste prédio, sinto-me satisfeito em visitá-lo no momento em que a China entra para as Nações Unidas. São 800 milhões que não podem ser esquecidos". Senti que minhas palavras, divulgadas





FOTOS DE LUIZ HUMBERTO

Um campo de futebol onde seria um jardim . . .

. . . e as obras da W-2, que não estavam no plano

pela TV e publicadas nos jornais, criaram constrangimento. Dois meses depois, Nixon estava na China.

**VEJA** — *Até que ponto essa vida europeia, essas viagens o afastam do Brasil? Gosta de morar em Paris?*

**NIEMEYER** — É claro que gosto de Paris. É um mundo civilizado, cheio de atrativos e interesse, no qual cada um pensa e diz o que quer. Mas sou muito preso ao meu país, ao Rio, principalmente, e sempre que estou fora quero voltar. Nas discussões inevitáveis, faço-me jacobino. Lembro as praias do Rio e do nordeste, a grandeza da Amazônia e até São Paulo, que amplio como uma das maiores cidades do mundo.

**VEJA** — *Como é que você trabalha?*

**NIEMEYER** — Meu método de trabalho é bem diferente do usual entre meus colegas arquitetos. Fixada a idéia, começo a desenvolvê-la, redigindo, ao mesmo tempo, um texto explicativo. É a minha prova dos nove. Quando não encontro argumentos para justificá-la, a idéia está deficiente.

**VEJA** — *Vê-se que esses processos de trabalho têm fundamentação teórica. Por que não os transmite regularmente na universidade? Depois de uma experiência interrompida da universidade de Brasília, não se interessou mais em lecionar?*

**NIEMEYER** — Ficaria demasiadamente ocupado. Este ano pretendem levar-me para o Colégio de França, uma espécie de academia de ciências e letras que se constitui no mais importante órgão cultural do país. Mas minhas idéias sobre o ensino de arquitetura, formação de arquitetos, estão postas com êxito na universidade de Constantine, na Argélia.

**VEJA** — *Atualmente, dois dos mais importantes projetos de criação de cidades do mundo — na Argélia e em Israel — são de sua autoria. Suas posições de*

*urbanista estão em jogo. Como discute os problemas de urbanismo que levantou?*

**NIEMEYER** — Quando vejo discussões sobre novas cidades, lembro-me sempre de uma reunião da qual participei, em Nova York, no ano de 1947. E vejo-me a ouvir os mesmos princípios, as mesmas palavras de ordem, hoje destituídos de sabor e da importância inicial. Dentro desse esquema tão conhecido, as discussões se repetem. Uns preferem a cidade vertical, reduzindo distâncias, disciplinando a circulação. Outros, propondo prédios mais baixos, que dizem “na escala do homem”. Outros, sugerindo com ar profético soluções impossíveis, esquecidos que o urbanismo e a arquitetura evoluirão sempre e somente em função do progresso técnico. Acho possível qualquer solução urbanista, se elaborada com sensibilidade, mas sinto que muitas vezes a solução vertical é inevitável.

Acho, porém, que essas discussões sobre a preferência de soluções perdem-se na superfície do problema, como se urbanismo não tivesse um objetivo definido, que é servir à sociedade e ao homem, em particular. Ninguém entra no fundo do problema e a questão social, a justiça social, a predominância do coletivo sobre o particular, a desapropriação da terra, todos esses dados são relegados a plano inferior. As novas cidades, que tanto interesse despertam, continuam a nascer já envelhecidas, retrógradas e desatualizadas, com seus habitantes marginalizados, sem nelas nada usufruir.

Posso explicar, em poucas palavras, os meus projetos para Negev, em Israel, e Alger, na Argélia. Na cidade de Negev meu desejo foi encurtar distâncias, permitir que o homem circulasse tranquilamente, atingindo a pé todos os seus setores. Isso levou-me à cidade menor — 250 000 habitantes —, à circulação na periferia, a um zoneamento baseado nas circunferências. Levou-me também a fi-

zar os blocos de habitação como quarenta pavimentos, a fim de mantê-los mais afastados, entre parques e jardins, providos de escolas, clubes de esporte, etc. E, depois, a centralizar o setor de trabalho, voltando, com suas pequenas ruas e praças, à velha cidade medieval. Previ a cidade multiplicável, separada por grandes áreas verdes. Não desejava a cidade que cresce indefinidamente. Queria fazê-la humana e acolhedora.

## Em Alger, o futuro, em Brasília, o passado

**VEJA** — *No caso de Alger, a cidade já existe. Seria substituída por outra?*

**NIEMEYER** — Evitei aproveitar a cidade existente, que a meu ver deverá ser apenas reformulada nas suas insuficiências urbanísticas. Então, propus a nova Alger, ligada à antiga capital por estrada de rodagem e monotrilho. Nos outros estudos urbanísticos que tenho feito, prevalece o mesmo espírito. A preocupação de preservar a natureza, nela intercalando as unidades estabelecidas pelo urbanismo.

**VEJA** — *Que impressão lhe deu essa sua visita a Brasília?*

**NIEMEYER** — Lembrei os velhos tempos. A lama, a poeira, os desconfortos inevitáveis. Depois, as ruas se abrindo, a cidade a surgir num clima épico de audácia e determinação. Lembrei Juscelino Kubitschek a percorrer as obras, dia e noite, obstinado em terminar a cidade que tantos tentaram obstruir. Por isso mesmo, não nos preocupam os novos prédios que surgem, bons, ótimos ou medíocres. O importante em Brasília já foi construído por JK: a praça dos Três Poderes, o Palácio da Alvorada, os ministérios. Esses, por razões hierárquicas e arquitetônicas, continuarão, queiram ou não, a caracterizar sua arquitetura.



